

PIBID EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO: MANTER A COESÃO E A ESPERANÇA EM TEMPOS DE MEDO E DISPERSÃO

Denise Wildner Theves ¹

Élida Pasini Tonetto ²

Nestor André Kaercher ³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas por duas professoras e um professor na coordenação do Projeto de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da área de Geografia, edição 2020 – 2022, no Núcleo da Geografia Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O subprojeto foi implementado no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido às restrições impostas pela Pandemia de Covid19, sendo composto por 24 bolsistas e 3 professoras supervisoras, em 3 escolas estaduais, localizadas em Porto Alegre (RS). O estudo foi desenvolvido a partir de um relato de experiência, contemplando a coordenação compartilhada entre os três docentes, sendo que os dados analisados pautam-se nos diários da coordenação, com registros realizados entre outubro de 2020 e junho de 2022. O diário é composto pela memória das reuniões quinzenais realizadas entre a coordenação, os estudantes bolsistas e as professoras supervisoras, bem como do acompanhamento das atividades desenvolvidas nas escolas e na universidade. Os principais desafios foram relacionados às necessidades de desenvolver o projeto com atividades remotas e encontrar formas de reinvenção que contribuíssem para a formação inicial e continuada, levando em consideração as adversidades de diversas ordens enfrentadas pelas escolas. Mesmo assim, o projeto proporcionou aprendizado significativo, fortalecimento do trabalho colaborativo e impacto positivo na formação dos licenciandos em Geografia. Reverberou ainda, no estreitamento de laços e diálogo entre universidade e escolas.

Palavras-chave: PIBID Geografia UFRGS, Ensino Remoto Emergencial, Docência.

¹ Professora na Faculdade de Educação (Faced), Departamento de Ensino e Currículo (DEC), Núcleo de Estudos em Educação e Geografia (NEEGeo) - UFRGS, denise.theves@ufrgs.br;

² Professora na Faculdade de Educação (Faced), Departamento de Ensino e Currículo (DEC), Núcleo de Estudos em Educação e Geografia (NEEGeo) - UFRGS, elida.tonetto@ufrgs.br;

³ Professor na Faculdade de Educação (Faced), Departamento de Ensino e Currículo (DEC), Núcleo de Estudos em Educação e Geografia (NEEGeo) - UFRGS, nestorandrek@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Este artigo articula os relatos das experiências vivenciadas por nós, na condição de duas professoras e um professor na coordenação do Projeto de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da área de Geografia, edição 2020 – 2022, no Núcleo de Geografia Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Resolvemos escrever, pois consideramos fundamental preservar a memória do que produzimos, assim acionamos registros e emoções para relatar a implementação do Subprojeto PIBID Geografia no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido às restrições impostas pela Pandemia de Covid19.

Contudo, a escrita não tem apenas o propósito de racionalização e sistematização de uma ‘técnica’, passo necessário para quem faz ciência, mas quer também sistematizar emoções tão presentes, ainda que não raro esquecidas, no ofício de formar novos educadores. Nesse sentido, buscamos confiar na razão, mas sabê-la insuficiente. Confiar na emoção, mas sabê-la insuficiente. Saber que os laços que unem razão e emoção, que jamais deveriam ser separadas, deixam à docência em Geografia e a nossa escrita mais bela.

O projeto em questão era composto por 24 bolsistas e 3 professoras de Geografia supervisoras, vinculadas a três escolas públicas estaduais localizadas em Porto Alegre. O grande número de bolsistas, distribuídos entre três escolas, representava um enorme desafio para o nosso grupo, somado a isso, havia ainda as restrições de circulação, o ensino remoto e todos os demais problemas sanitários, sociais e econômicos escancarados pela Pandemia.

Por tais motivos, ressaltamos a relevância da abordagem teórico-metodológica adotada neste texto, que se baseia no relato de experiência, considerando os registros em diferentes linguagens realizados pela coordenação compartilhada entre nós três no “Diário da Coordenação do PIBID Geografia”. Além disso, refletimos sobre como cada um de nós se sentiu tocado frente aos desafios da coordenação e da participação na formação dos estudantes vinculados ao PIBID Geografia, apoiados na ideia de experiência conforme Larrosa (2020), que a entende não como mero acúmulo, mas como aquilo que acontece e nos marca.

Como conceitos teóricos que nos amparam, desenvolvemos o entendimento de coordenação compartilhada, inspirada na “docência compartilhada” (Traversini, 2015; Kinoshita, 2009; Theves e Tonetto, 2023). Além disso, discutimos a relação entre a universidade-escola, pautada por relações horizontais de compromisso com a formação docente em Geografia, já que os pressupostos assumidos aspiram fortalecer a interação entre a



universidade e a escola por meio da cooperação e das trocas que se nutrem das propostas desenvolvidas. Em outras palavras, a denúncia da distância entre universidade e as escolas de Educação Básica, assim como a distância entre educadores e educandos já é feita a muitas décadas, mas como é difícil rompê-la. A facilidade da necessária denúncia do que nos desagrada e a efetivação do anúncio, uma formação inicial e continuada mais democrática e inclusiva, ainda é um obstáculo a ser diminuído.

Diante destas inquietações e guiados por registros grafados em nosso diário e em nossa memória, encontramos desafios, que estavam relacionados às necessidades de implementar e desenvolver o projeto com atividades remotas e encontrar formas de reinvenção que contribuíssem para a formação inicial e continuada, levando em consideração as adversidades de diversas ordens enfrentadas pelas escolas e pela própria universidade e que estão sinteticamente esboçadas neste texto.

METODOLOGIA

Reiteramos que consideramos fundamental preservar a memória do que produzimos, pois assim acionamos registros e sentimentos para relatar a implementação do Subprojeto PIBID Geografia no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Levando em conta nossas concepções, não há como falar de uma metodologia desvinculada de uma concepção teórica e de mundo que acreditamos e com as quais se pautam nossas ações. Assim, partimos da premissa de que nossos registros acionam memórias carregadas de emoções que por sua vez, retroalimentam nossa constituição docente, pois as emoções e sentimentos são passíveis, evidentemente, de racionalização e discussão, o que é facultado justamente pela existência dos registros escritos.

Claro que, contudo, como somos três pessoas diferentes, somos tocados de modos distintos e particulares. Assim, cada um de nós acessou o diário individualmente e se deixou levar, capturando e refletindo de modo singular sobre os significados de acompanhar o desenvolvimento desta edição do PIBID. É comum que um de nós interpreta a mesma ação de uma forma satisfatória, enquanto o outro pode achar a atividade negativa. Não se trata de que alguém “vê errado ou mal” o fenômeno, mas sim de que a complexidade das relações humanas, educativas em especial, são percebidas de formas distintas, gerando, por consequência, não apenas interpretações distintas, mas, novas ações que necessitarão novas combinações para que o grupo avance de forma organizada e produtiva. Aqui há que se fazer uma distinção: não se trata de ‘erros’ a serem ‘corrigidos’, mas de paradoxos a serem



refletidos e explicitados. O paradoxo é que ele não é redutível ao ‘certo’ versus ‘errado’, mas sim de que é algo a se conviver. Mais uma vez anunciando a complexidade do fenômeno educativo. Não há o simples, a solução rápida.

Por tais motivos, ressaltamos a relevância da abordagem teórico-metodológica adotada para o estudo, que parte do relato de experiência, contemplando os registros realizados em um Diário da Coordenação do PIBID Geografia, pela coordenação compartilhada entre nós três. Iniciamos com a análise dos dados que compõem o Diário da Coordenação, com registros realizados entre outubro de 2020 e junho de 2022 e a partir deles revisitamos a experiência, entendida a partir de Larrosa (2002), não apenas como acúmulo, mas como aquilo que acontece e que nos afeta. Traduzindo, talvez erroneamente, em nossas palavras: o que provoca em cada um de nós (pibidianos, supervisores, coordenadores) as experiências com o PIBID? Todos passamos pela Pandemia e pela coordenação compartilhada, mas cada reação foi embasada na nossa experiência e na nossa bagagem que é técnica, que é teórica, mas que é também emocional. Ou seja, estamos diante do mesmo fato, mas não interpretamos e/ou sentimos ele do mesmo modo.

O fato e/ou materialidade que tínhamos para partir era o nosso diário, que contém 111 páginas, organizado sequencialmente com a memória das reuniões quinzenais realizadas entre a coordenação, os estudantes bolsistas e as professoras supervisoras, bem como do acompanhamento das atividades desenvolvidas nas escolas e na universidade. Os registros contemplam uma variedade enorme de materiais, como: pauta das reuniões entre coordenação, pibidianos e escolas, cards e mensagens, referências de materiais estudados, link de lives e outros vídeos indicados para estudos, fotos, relatos pessoais, entre outros. Destacamos que no período, aprendemos a criar habilidades com a confecção de recursos imagéticos e lançamos mão dessa estratégia para capturar a atenção dos estudantes, seja nas reuniões, no Ambiente Virtual de Aprendizagem, na UFRGS denominado de Moodle Colaboração ou nas plataformas de rede social, os cards apareceram com grande frequência no nosso diário, como podemos observar na Figura 1.



Figura 1 - Convite da reunião da coordenação e licenciandos



Fonte: Diário da coordenação do PIBID Geografia - 2020

Na época de atividades remotas, nossa coordenação buscou inúmeras formas de aproximação dos pibidianos e pibidianas e das professoras supervisoras, assim adotamos as reuniões mensais on-line, por videoconferência, como uma forma de estudos, mas também como de aproximação e diálogo. Também adotamos o Ambiente Moodle Colaboração, que serviu de repositório dos materiais de estudo e de combinações gerais.

Em linhas gerais o PIBID da área de Geografia, edição 2020 – 2022, no Núcleo da Geografia Porto Alegre, passou por duas etapas distintas: a primeira foi de implementação das ações remotas, que ocorreu entre outubro de 2020 a fevereiro de 2022; a segunda que foi a retomada das atividades presenciais, que foi de março a junho de 2022. Esta periodização é um elemento relevante para compreender os desafios da experiência relatada no estudo, pois cada fase exigiu da coordenação a adoção de estratégias específicas.

Atentar para a periodização do PIBID 2020 – 2022 é fundamental para ver essa ‘quebra’ entre o remoto (maior parte do tempo quando nossos encontros eram virtuais, todos nós interagindo precariamente via tela de computador) e o período presencial com uma inércia inicial até os contatos se estreitarem. E, quando isso está ocorrendo, o projeto acabou. E veja que também houve o período de recesso/férias escolares quando cessaram as atividades com os alunos da Educação Básica, novamente havendo um distanciamento entre os pibidianos e os estudantes.



REFERENCIAL TEÓRICO

Como conceito que nos ampara desenvolvemos o entendimento de “coordenação compartilhada”, inspirada na “docência compartilhada” (Traversini, 2015; Kinoshita, 2009; Theves e Tonetto, 2023). Para que isso ocorra, consideramos fundamental que a relação entre os colegas e entre a universidade-escola seja pautada por relações horizontais, pois partilhamos do compromisso conjunto de formar educadores. Escolhemos também a experiência (Larrosa, 2020), como o fio que costura os fragmentos das nossas memórias acionadas pelos registros do nosso Diário da Coordenação, pois compreendemos que:

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior do qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um dizemos que é passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças a memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo (Saramago, 1999, p. 178).

Assim, ousamos navegar pelo nosso próprio diário, que congrega materiais de diversas trocas entre os envolvidos no PIBID Geografia UFRGS, que ao serem registradas por nós se transformaram também em parte da ilha que cruzamos para escrever este texto. É nessa hora que retomamos Larrosa para rememorar nossas memórias – que seria um passado? - para hoje/agora – presente - refletirmos com elas, e, projetarmos o futuro, pois se educar (formar professores com o PIBID) é um processo, o passado, a experiência se refundam ao presente e refunda, embasa, novas ações junto a novos estudantes. Escrevemos em março de 2025 e, ainda bem, já há uma nova edição do PIBID em andamento, mas carregamos as marcas de cada edição do PIBID e de outras experiências na formação docente.

Para isso, buscamos ancoragens teórico-metodológicas para aprofundar o que fizemos trabalhando juntos na coordenação do PIBID, estimulando nossos estudantes a trabalhar do mesmo modo com seus colegas no decorrer do desenvolvimento do PIBID Geografia, tomando como princípios a colaboração e a cooperação. Cunhamos a expressão coordenação compartilhada inspirados nas menções a docência em que professores em formação inicial e professores titulares das turmas, planejam e acompanham as práticas pedagógicas de sala de aula e em atividades de educação a distância, para referir-se à integração entre os chamados tutores, o professor formador e/ou entre os próprios participantes mobilizados a compartilhar



suas ações docentes para, em conjunto com outros participantes, solucionarem desafios comuns (Bezerra, 2010). Assim, na busca por “voltar-se para o outro [...], cuidar do outro [...] compreender o outro como constitutivo desse eu nas interações” (Mello, 2017, p. 26), ressignificamos pressupostos que deram sentido à coordenação do PIBID Geografia, vivenciada de modo compartilhado.

Dessa necessidade de compartilhar advêm o título do nosso texto - PIBID em tempos de Ensino Remoto: manter a coesão e a esperança em tempos de medo e dispersão. Precisamos de coesão porque sozinhos não somos (quase) nada. Só somos porque vivemos em coletividade, mas em educação queremos ultrapassar a necessidade do estar junto como mera obrigação. Coesão por juntos podemos mais e melhor, e, educar, formar (novos) pibidianos implica numa ação intencional que seja reflexiva e emotiva. Uma coesão que não é apenas um somatório de partes, mas implica um projeto coletivo de futuro, uma esperança – todo educador é um crente – de que uma sociedade mais plural, inclusiva e democrática seja possível de ser construída com a ajuda da escola.

Aliás, o oposto, sem a contribuição da escola – e da formação de novos educadores no Ensino Superior – tal projeto se mostra inexequível. Daí a palavra esperança não como um grupo que vai esperar o maná cair do céu. Não, é trabalho, mas um trabalho com fim evidente, servindo-se da democracia como elemento indispensável para combater os dogmatismos e obscurantismos que cerceiam a nossa capacidade de ser mais. Isso é um projeto político – toda a educação é política não porque defenda só uma ideologia ou só um partido. Não, o contrário, é política porque defende a pluralidade, a diferença e as discordâncias no espaço coletivo das escolas. É política porque o medo é uma ideologia pregada por grupos que se valem do medo (do diferente, visto como ameaça) para implementar práticas autoritárias e restritivas das liberdades dos grupos diferentes da sua forma de pensar, sobretudo dos grupos minoritários e/ou de menor poder econômico e político. Nesse sentido, combater a dispersão implica num projeto político coletivo: quem discute suas ideias com argumentos tem a chance de se sentir acolhido e representado, ter menos medo, portanto. E é a escola, é a universidade lócus de excelência para esta formação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros escritos no Diário da Coordenação do PIBID Geografia, suscitam reflexões não só do que foi feito – ou deixou de ser feito – mas, sobretudo o que essas ações dos participantes - estudantes e professoras - produziram em nós, ou seja, não se trata apenas da



sistematização das nossas ações mais organizadamente, mas somos instigados a pensar o que as ações realizadas nos provocam a ser como docentes. Com isso estimulamos não apenas a descrição (do que é visto, feito), mas a dobra sobre nós mesmos, isto é, a experiência não é apenas o que acontece, mas sim o que acontece em nós, dentro de nós. A experiência é o que nos atravessa. É o que nos faz, provavelmente, mudar. E mudamos inúmeras vezes, mudamos as pautas em função das urgências da Pandemia, os espaços das salas de aula para o das telas e dos nossos lares, o giz pelo digital, o abraço pelas figurinhas, o olho no olho pela mensagem nos chats das videoconferências, as conversas dos corredores pelas mensagens apressadas no WhatsApp e nos e-mails.

Assim, revisitando os registros, evocam-se memórias do quanto os desafios complexos que vivemos foram sendo superados e que exercício “cotidiano de humildade” (Kinoshita, 2009, p. 52), nutriu os esforços para que pudéssemos constituir espaços-tempos de vida e de aprendizagem para todos. No caminho percorrido, fomos confrontados a experimentar possibilidades de trabalho diferenciadas e que de certa forma, buscaram romper com a estrutura rígida e fechada que por vezes aprisiona, incitando o trabalho coletivo, em que, nos tornamos, antes de tudo, coordenadores COM aqueles que estavam conosco.

A falta de referências e de rotinas de onde pudéssemos parti foi, dentre outras coisas, elementos que desequilibraram as ações de muitos professores no ensino remoto, com a coordenação não foi diferente, fomos sendo levados a criar modos de trabalho complementemente novos para a época. Nos questionamos e fomos questionados inúmeras vezes: como implementar um PIBID com escolas fechadas? Como estão nossos pibidianos? Como vamos criar vínculos com eles e com as professoras supervisoras?

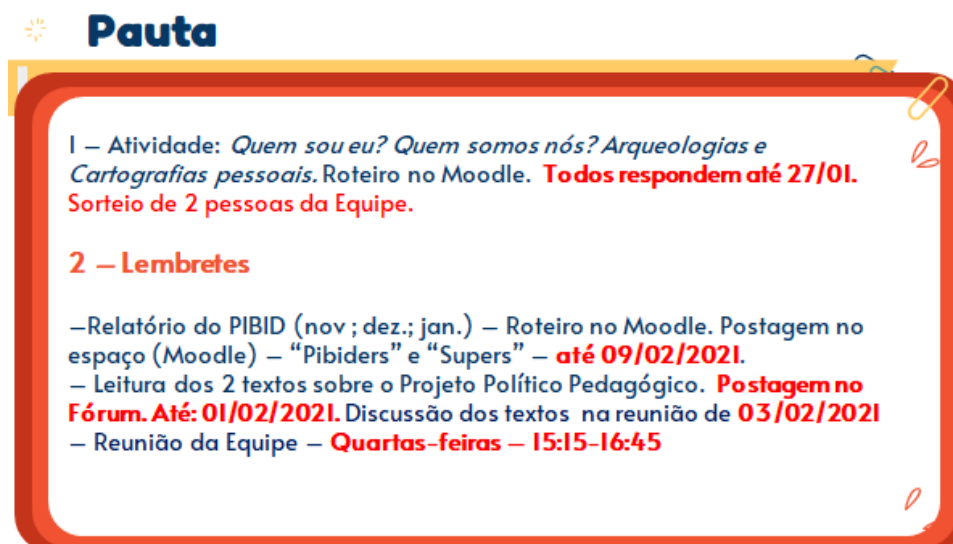
Por falar em paradoxo, todos nós, via de regra, nos queixamos das rotinas da nossa vida, mas como nas escolas e na universidade precisamos da rotina para haver continuidade nos processos. Isso não é defender uma ação homogênea como se estivéssemos numa linha de montagem fabril, mas que precisamos de alguma repetição para que as coisas possam avançar num crescente. Isso os pibidianos logo perceberam: muitas vezes falta continuidade nas ações da escola e os motivos são os mais variados e aqui não teremos espaço para melhor explaná-los.

Desse modo, na tentativa de gerar rotinas de trabalho para o PIBID remoto mantemos as reuniões semanais entre coordenação, pibidianos e professoras supervisoras, abrindo espaços para compartilhamento de experiências, bem como de anseios e medos vivenciados em meio a Pandemia, como demonstrado na Figura 2, em que temos o registro da atividade “Quem sou



eu? Quem somos nós? Arqueologias e Cartografias pessoais”, apresentada semanalmente por dois pibidianos.

Figura 2 – Atividade de compartilhamento de experiências



Pauta

I – Atividade: *Quem sou eu? Quem somos nós? Arqueologias e Cartografias pessoais*. Roteiro no Moodle. **Todos respondem até 27/01.** Sorteio de 2 pessoas da Equipe.

2 – Lembretes

- Relatório do PIBID (nov ; dez.; jan.) – Roteiro no Moodle. Postagem no espaço (Moodle) – “Pibiders” e “Supers” – **até 09/02/2021.**
- Leitura dos 2 textos sobre o Projeto Político Pedagógico. **Postagem no Fórum. Até: 01/02/2021.** Discussão dos textos na reunião de **03/02/2021**
- Reunião da Equipe – **Quartas-feiras – 15:15-16:45**

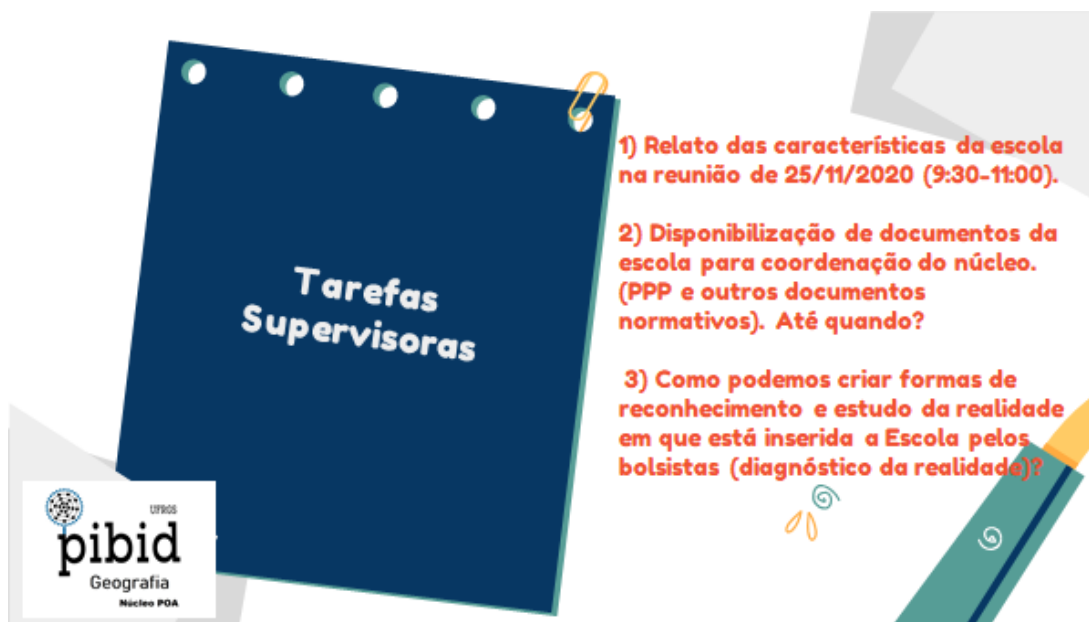
Fonte: Diário da coordenação do PIBID Geografia – 2021.

Apesar de todos os esforços para mantermos a proximidade com o grupo, um dos nossos desafios mais imediatos foi perceber a limitação do processo formativo ‘apenas’ com leituras ou formações baseadas na oralidade, pois a dificuldade – quando não ausência – dos encontros presenciais limitava não só a interação e as trocas cognitivas, mas fazia mais áridos e pouco atrativos estes momentos. O que fazer para manter nossos pibidianos engajados, motivados? Como manter o processo educativo sem interação presencial? De novo, a razão é imprescindível, mas só ela, insuficiente. De novo, a emoção – para educar, para nos formarmos ‘em serviço’ – é imprescindível, mas só ela, insuficiente.

À medida que compreendemos as limitações impostas, fomos mesclando atividades de cunho mais pessoal e de trocas de experiências com atividades de pesquisa, de investigação das escolas e de aspectos teórico-metodológicos ligados à docência em Geografia. As investigações sobre o espaço escolar, mesmo com todo comprometimento do grupo, foram bastante limitadas, pois os pibidianos pesquisaram uma série de dados geográficos, históricos, pedagógicos, consultaram mapas, fotos e redes sociais da escola, participaram de reuniões e aulas remotas na tentativa de aproximarem-se minimamente da escola, mas sem de fato visitá-la (Figura 3). Após a retomada das atividades presenciais, muitos alunos, assim como nós, enquanto coordenação, percebemos as limitações das atividades propostas. Eram comuns falas como: “Nossa, eu imaginei a escola e os alunos um pouco diferentes!”.



Figura 3 – Atividade de investigação do espaço escolar



Fonte: Diário da coordenação do PIBID Geografia – 2020.

Mesmo diante das limitações relatadas, consideramos que o Subprojeto PIBID Geografia 2020-2022 proporcionou aprendizado significativo, fortaleceu o trabalho colaborativo e teve um impacto positivo na formação dos licenciandos em Geografia. Certamente, foram experiências que não gostaríamos de reviver, mas é inegável que ainda reverberam em nosso cotidiano de coordenadores. Além disso, estreitamos os laços e diálogo entre o Núcleo de Estudos em Educação e Geografia (NEEGeo)⁴ com as professoras supervisoras e outros professores das escolas que acolheram o PIBID, o que resultou em parcerias para estágios, pesquisas e projetos de extensão que se mantêm até os dias atuais. Novamente a experiência nos atravessa, já que fazer uma experiência não tem a ver exatamente com o que nós fizemos acontecer, mas com padecer e agarrar o que nos alcança de forma receptiva (Larrosa, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/neegeo/>



Nos perturbam leituras simplificadoras que consideram o PIBID mero catalisador de técnicas, recursos e insistem em dar ênfase à dissociação entre teoria e prática. Por isso, nossas buscas na coordenação do núcleo do PIBID Geografia Porto Alegre, foram e têm sido pautadas na colaboração e na cooperação, concretizadas na coordenação compartilhada, aberta ao pluralismo nos encontros com os envolvidos no Subprojeto de Geografia, em que propomos reencontrar possibilidades para autorias coletivas.

Os principais desafios foram relacionados às necessidades de desenvolver o projeto com atividades remotas em meio a Pandemia e encontrar formas de reinvenção que contribuíssem para a formação inicial e continuada, levando em consideração as adversidades de diversas ordens enfrentadas pelas escolas e pela universidade. Mesmo assim, o projeto proporcionou aprendizado significativo, fortalecimento do trabalho colaborativo e impacto positivo na formação dos licenciandos em Geografia.

Reverberou ainda, no estreitamento de laços e diálogo entre universidade e escolas, principalmente por meio das atividades do Núcleo de Estudos em Educação e Geografia (NEEGeo/UFRGS) em parceria com as escolas e professores de Geografia que participaram do PIBID Geografia 2020 - 2022. Desejamos vida longa a estas e as novas parcerias para uma formação inicial e continuada contextualizada e comprometida.

AGRADECIMENTOS

Nossos sinceros agradecimentos à Capes pelo fomento, às escolas e professoras de Geografia por nos acolherem em um momento tão desafiador como a pandemia, e aos estudantes da Licenciatura em Geografia por serem os protagonistas do PIBID. Sem o trabalho coeso e intencional de todos vocês, muito pouco se poderia avançar.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Márcia Alves. **Docência em educação a distância**: tecendo uma rede de interações. 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3891>. Acesso em: 27 fev. 2022.

KINOSHITA, Julia Harue. **Docência compartilhada**: dispositivo pedagógico para acolher as diferenças? PPGEDU/FACED/UFRGS: Porto Alegre, 2009. (Trabalho de conclusão – Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17909/000726079.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 fev. 2025.



LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MELLO, Marisol Barenco de. **O amor em tempos de escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

SARAMAGO, José. Palavras para uma cidade. **O Caderno**. Caminho, 2009. p. 19 - 23.

THEVES, Denise Wildner; TONETTO, Élica Pasini. Oi, professoras! Vocês duas vão ser nossas professoras? Tudo no estágio vai ser feito em conjunto?. In: Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins; Carolina Araújo Michielin; Greicy Steinbach. (Org.). **Vivências no estágio curricular supervisionado e os desafios da docência**. 1ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023, v. , p. 169-186.

TRAVERSINI, Clarice Salete. Inclusão escolar e docência compartilhada: reinventando modos de ser professor. In: BAPTISTA, Claudio Roberto (org.). **Escolarização e deficiência: configurações políticas de inclusão escolar**. [recurso eletrônico]. São Carlos: Marquezine & Manzini: ABPEE, 2015. p. 147-163.

